

A redefinição do papel da escola e do professor na sociedade atual

Redefinition of the role of schools and teachers in contemporary society

Amanda de Oliveira Ferreira*
Maycon Jefferson José de Souza**

Diante das mudanças provocadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, na sociedade atual, os professores encontram-se frente a mais um desafio: entender como estas mudanças afetam a escola e modificam seu papel na sala de aula. Este artigo pretende apontar as mudanças ocorridas na sociedade em decorrência das novas tecnologias e como elas modificam a função da escola e do professor na sociedade, sempre ressaltando que esse desafio requer primeiramente dos docentes admitir a existência da nova sociedade construída após a chegada das inovações tecnológicas.

Due to changes caused by the new information and communications technologies in present society, teachers are facing another challenge: to understand how these changes affect education and modify their role in the classroom. This article aims to show changes in society as a result of the new technologies and how they modify the role of schools and teachers, emphasizing that this challenge requires teachers to admit the existence of a new society built after the rise of new technologies.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Professores. Escola. Sociedade.

Key words: New technologies. Teachers. Schools. Society.

Introdução

A docência é desafiadora em todos os sentidos. Como se já não bastasse a rotina da própria profissão, os eventuais problemas com alunos e pais, enfim, os desafios do dia-a-dia da profissão docente, ainda há uma crise na educação nunca antes vista e, sobretudo, sem ponto de partida e de chegada, ou seja, a escola se encontra num estado de extrema desorientação (TEDESCO, 1998). Faz-se necessária a atualização constante, principalmente em meio a essa crise. Por isto, o maior desafio docente é ter uma formação contínua, sempre.

Tal crise nos leva a uma reflexão sobre a comunidade escolar, principalmente, os professores e a maneira como os saberes são construídos. O aluno ainda continua sendo o receptáculo e o professor, o detentor do conhecimento. E, assim, a aprendizagem permanece pautada na memorização.

* Licenciada em química pelo Instituto Federal Fluminense

** Licenciado em biologia pelo Instituto Federal Fluminense

É fato consumado que as novas tecnologias da informação e comunicação contribuem para essa crise, pois a sociedade, constituinte da escola, sofreu várias transformações por causa da chegada dessas inovações da tecnologia e a escola não tem acompanhado esta evolução da sociedade (POZO, 2002). Nesta perspectiva, este artigo tem a intenção de expor, de forma simples e objetiva, o desafio dos professores (e da escola) em trabalhar com recursos didáticos em suas aulas, utilizando as tecnologias da comunicação, e lidar com as mudanças provocadas por elas na sociedade. Temos, também, a intenção de propor uma reflexão sobre o novo papel do professor numa escola que é constituída por uma nova sociedade: a sociedade da informação.

Escola X novas tecnologias: um grande desafio docente

As inovações tecnológicas ganharam espaço na sociedade contemporânea. O avanço das novas descobertas neste campo é muito grande. Enquanto em 1950, a primeira televisão em preto e branco chegava ao Brasil, hoje, apenas quarenta e seis anos depois, já se fala em TV interativa. Estamos na era da informação e da imagem, quando o homem se faz presente sem estar, move-se sem sair do lugar. Graças às novas tecnologias, deslocar-se se tornou um ato de lazer e não de necessidade. Numa mistura de fascinação e medo, a humanidade convive com inúmeras modificações, passando a questionar até o significado do real, uma vez que imagem e realidade apresentam-se incorporadas uma na outra.

Os avanços tecnológicos são incontáveis e, entretanto, ficamos a nos perguntar: por que razão a escola e os educadores ainda se recusam discutir a relação das novas tecnologias com a educação? Esta discussão já alcançou as escolas da comunidade? Qual o papel da escola nesta sociedade da imagem e da informação? Como a escola interage com as inovações tecnológicas? Haverá espaço para a escola que temos hoje na sociedade tecnológica?

Segundo Abreu,

Precisamos estar atentos para o que as novas tecnologias nos proporcionam e nos conclamam, ou seja, as mudanças nas instituições de ensino com o objetivo de superar a fragmentação curricular que tanto limita as relações estabelecidas dentro e fora do espaço escolar pelas novas gerações norteadas por um modelo educacional, que não atende as suas expectativas e as afasta de um universo holístico relacional e em constante dinâmica, no qual estamos inseridos (2002, p. 4).

O distanciamento entre a escola e as recentes tecnologias da informação é visível. Enquanto de um lado, têm-se educadores que apresentam completo repúdio pelos instrumentos tecnológicos que, fora da escola, os estudantes valorizam, utilizam, brincam e obtêm informações, de outro, há os educadores que defendem o uso das

novas tecnologias em sala de aula como uma forma inovadora de ensino e visando a inserção do aluno no mundo moderno. Contudo, não basta apenas equipar as escolas com todo tipo de equipamento moderno e manter a postura de educador e o mesmo modelo escolar, pois, assim, qualquer suporte tecnológico será reduzido a meras formas diferenciadas de transmitir informação. Nada que a escola já não venha fazendo há muito tempo! É necessário entender que o educando deve ser o centro do processo educativo. O homem é um ser histórico e ativo, portanto, a atenção e a intenção não podem centrar-se apenas no instrumento. E, assim, como é fracassada a tentativa de ignorar as profundas transformações decorrentes da inserção das inovações tecnológicas na sociedade atual, é igualmente equivocado crer na mera aquisição dos instrumentos técnicos como forma de acompanhar essas modificações.

Por Abreu,

[...] estamos presenciando o esgotamento do modelo escolar que trabalha exclusivamente com a linguagem oral e escrita. Este paradigma, que sistematiza o conhecimento, encontra grande dificuldade para dialogar com as novas gerações da cultura digital e audiovisual. No entanto, não podemos simplesmente descartar, em definitivo, a cultura do livro de nossas escolas. É preciso interagir, misturar, ou seja, estabelecer uma nova sinergia entre a linguagem audiovisual, a codificação digital e a cultura do impresso (2002, p. 5).

Precisamos ir, como afirma Dermeval Saviani (1999) “além da curvatura da vara”, o que significa buscar o equilíbrio entre teorias educacionais e ao mesmo tempo que sejam contempladas as singularidades e resguardadas as similaridades entre as pessoas. Aí reside a maior dificuldade: a vara só ficará na posição correta quando for puxada para o lado oposto, quando pararmos de olhar para esta nova realidade, buscando entendê-la com um entendimento arcaico. É possível utilizar os novos instrumentos tecnológicos para ensinar velhos conteúdos e ensinar novos conteúdos com velhos recursos, pois não se trata aqui de abandonar todos os recursos até hoje utilizados e substituí-los pelos mais modernos, mas extrair destas novos recursos tecnológicos todo o potencial que possuem para auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem dos educandos. Pode-se ser tão velho com recursos novos, quanto novo com recursos velhos! O professor deve buscar perceber como as inovações tecnológicas influenciam o processo de produção do conhecimento, para que, a partir daí, possa direcionar seus alunos no sentido de utilizá-las da maneira mais útil possível. Com isso, o educador conduz seus educandos a uma reflexão crítica e questionadora em relação à busca de informações, indo além, estabelecendo um processo de conversão das informações em conhecimento, vislumbrando cumprir o maior dos objetivos da educação, que está além da instrução: o aperfeiçoamento do ser humano.

A escola do terceiro milênio deve, necessariamente, considerar o quanto esta geração atual de educandos vive em um mundo no qual o apelo ao visual, à imagem é atraente e recorrente e como isso modifica, de forma significativa, seu modo de ver e compreender a realidade, na sua

organização perspectiva, sensorial e cognitiva. Enquanto a neve, por exemplo, era conhecida nos países tropicais através de cartões, cartazes e descrições escritas, hoje ela é vista nas telas de TV, nos monitores de vídeo e pode ser sentida através de equipamentos virtuais. Estas diferenças devem ser levadas em conta no processo de produção do saber (TOSCHI, 1996).

Nesta perspectiva os recentes recursos tecnológicos só terão sentido a partir de uma mudança da postura pedagógica do professor e com um repensar deste sobre sua própria prática, concebendo que existem outras maneiras de explorar e representar o mundo. Tecnologia na escola envolve não somente garantir a presença dos meios em sala de aula, mas, principalmente, garantir sua integração nos processos curriculares.

Dessa forma, não podemos esquecer que os professores são sujeitos que possuem suas próprias maneiras de entender a prática e de implementá-la. São as suas concepções e competências profissionais que irão definir o uso que irão fazer de qualquer meio, tecnológico ou não, na escola.

Um novo olhar sobre a crise da educação

Todos já identificamos, seja como estudantes de educação, alunos, professores ou cidadãos que desempenham funções que não apresentam nenhuma relação com a educação, que esta atravessa uma crise. E não é uma crise qualquer, pois, não é isolada, mas está envolvida por uma outra crise maior: a estrutura da sociedade. Portanto, a crise da educação é uma expressão da crise que a sociedade enfrenta desde os altos e baixos da Bolsa de valores até a família e os valores éticos (TEDESCO, 1998).

Sobre a crise da educação, Tedesco diz que:

A crise, em consequência, já não provém da forma deficiente de como a educação cumpre os objetivos sociais que lhe são atribuídos, mas, o que é ainda mais grave, do fato de não sabermos que finalidades ela deve cumprir e para onde deve efetivamente orientar suas ações (1998, p.15).

É um estado de desorientação e confusão. Sabemos que temos e, sobretudo, devemos fazer algo, mas não sabemos o que e nem como fazer. Talvez estejamos tal qual o grande pintor holandês Vincent Van Gogh ao pintar a belíssima e não menos confusa e delirante tela "Trigal com corvos" (figura 1) no ano e mês de sua morte. Quando

pintou esta tela, Van Gogh estava em um estado de confusão mental extrema, mas ele enxergava um caminho (não era o melhor) que julgava ser a solução para sua vida. É exatamente assim que nos sentimos em meio a esta crise. Estamos certos de que há uma solução, precisamos procurar por ela, e entender que

descortinar o horizonte de incertezas no qual estamos envoltos representa, sem dúvida, um momento de desconforto, pois a inovação exige que nos desloquemos em modelos institucionais que há muito mostravam-se cristalizados (ABREU, 2002, p. 2).

Portanto, encontrar uma solução para esta crise pressupõe mudança de comportamentos e assumir que vivemos um período de intensas e constantes transformações provocadas, principalmente, pela revolução da tecnologia da informação. No que tange à educação, devemos nos questionar: a escola permanecerá da mesma forma, mesmo em meio a todas estas transformações?

É sabido que, a partir dos anos 90, o mundo passou por uma revolução no que se refere à comunicação e informação: computadores, *internet*, sala de bate-papo, etc, e assim nos deparamos todos os dias com novidades cada vez mais impressionantes neste aspecto, as quais nos levam a enxergar o mundo de outra forma e nele nos conectam onde quer que estejamos.

Diante de toda esta revolução, os nossos comportamentos e também a nossa cultura não poderiam permanecer intactos e, então, eis que se forma uma nova sociedade, a sociedade da informação, e gera a sociedade da aprendizagem na qual a aprendizagem não cessa e as pessoas precisam ter acesso a muitas informações distintas ao mesmo tempo. A sociedade da informação e a sociedade da aprendizagem estão baseadas numa nova cultura da aprendizagem em que “não é só que o que ontem devia ser aprendido, hoje não o seja, que o que ontem era culturalmente relevante, hoje o seja menos. Não só muda culturalmente o que se aprende como também a forma como se aprende” (POZO, 2002, p.26). Desse modo, já que a sociedade está imersa nesta nova cultura da aprendizagem e constitui a escola, parece óbvio que a escola tem que se adaptar a essa nova cultura, à sociedade da informação que se construiu.

Para tanto, a escola precisa admitir a existência desta sociedade como é e não ignorá-la como tem feito, pois tal conduta ajuda muito no agravamento da crise da educação. A escola deve aliar o melhor das inovações tecnológicas da informação com a organização que se encontra no ambiente escolar para proporcionar aos alunos a oportunidade de “[...] organizar e dar sentido a esses saberes informais, relacionando-os com o conhecimento escolar, que ainda por cima costuma ser bastante menos atrativo” (POZO, 2002, p.35).

Fica claro, portanto, que “a escola, hoje, para dialogar com a sociedade da informação, precisa ser redesenhada e incluir a linguagem audiovisual e digital em seu espaço” (ABREU, 2001, p. 2). A revolução tecnológica da informação foi o “divisor de

“águas” para a linguagem docente que antes era baseada na oralidade e escrita, porém para esta sociedade da informação uma outra linguagem deve ser explorada, pois a escola diante destes inovadores recursos tecnológicos da informação perdeu seu espaço como única transmissora de informação e necessita, urgentemente, fazer uso da linguagem audiovisual para tornar a aprendizagem algo interessante para os alunos. Em outras palavras, que o aluno seja mais participativo, que a ele seja permitido construir seu conhecimento a partir de elementos oferecidos pelo professor.

Até mesmo algumas mudanças conceituais pelas quais a sociedade vem passando são atribuídas,

[...] ao surgimento de tecnologias de comunicação descentralizadas, interativas e multimídia. Elas complexificam a definição do que está próximo e longínquo no espaço e no tempo, ao tornar o simultâneo uma questão de conexão e velocidade. A antiga presença, definida pela extensão perceptiva e sensorial do corpo, tornou-se mais um modo de os homens interagirem com o mundo e consigo mesmo (PARENTE; VAZ, 1999, p.78).

Conceitos básicos como tempo, espaço e a própria noção de realidade foram reconstruídos.

Já não há mais limites físicos para esta sociedade, é possível pagar contas, fazer compras, conversar com pessoas de outros países, fazer cursos, enfim obter qualquer informação em qualquer momento. Dessa forma, a linguagem audiovisual conquista cada vez mais as pessoas e passa a fazer parte da nossa vida de forma muito natural e inevitável. E tudo isso cria percepções individualizadas de acesso à informação “[...] que substituem o princípio pedagógico da “informação que todos devem saber” pelo princípio individualizado da “informação que se deseja acessar”. [grifo do autor] (PARENTE; VAZ, 1999, p. 81). Dessa maneira, tornamo-nos autônomos quanto ao nosso conhecimento. As informações que acessamos estão submetidas a critérios criados por nós mesmos.

O modo de produção também não escapou das transformações promovidas pela revolução tecnológica da informação. Se antes a inteligência e a criatividade eram tarefas daqueles que ocupavam altos cargos dentro das empresas, e aos meros operários restava executar, mecanicamente, as instruções recebidas, atualmente o trabalho é organizado de forma mais homogênea estando a inteligência presente em todas as etapas do processo produtivo (TEDESCO, 1998). Nesse aspecto, há uma supervalorização do conhecimento. Este é visto não como um caminho para formar cidadãos, seres humanos, homens e mulheres íntegros e conscientes dos seus papéis na sociedade, mas mera instrução necessária, por exemplo, na operação de máquinas nas indústrias. Esta instrução à qual nos referimos é aquela mesma que aniquila a curiosidade tão comum e ativa na infância e na adolescência, que desfavorece a “aptidão natural da mente para

colocar e resolver os problemas” (MORIN, 2004a, p. 22).

Está diante de nós, professores e futuros professores, a urgência da adaptação às novas tecnologias às quais estamos submetidos inegavelmente e que nos impõem novas fontes de conhecimento, tornando obsoletos os padrões que guiavam nosso aprendizado no passado (PARENTE; VAZ, 1999, p.78). Não podemos nos esquecer de que o novo sempre virá causando perturbações no estado de equilíbrio e, muitas vezes, a acomodação em que nos encontrávamos, mas isto não significa algo ruim e como bem diz Edgar Morin,

o inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado (2004b, p. 30).

O novo papel do professor: mediador do processo de ensino-aprendizagem

A globalização e a inserção de tecnologias no âmbito da educação têm provocado mudanças na maneira de ensinar e aprender. Em nosso mundo globalizado existe a necessidade crescente de uma escola de qualidade.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2003, no Brasil, os professores tinham a missão de educar mais de 57,7 milhões de pessoas desde a educação infantil até o ensino superior. Agora, a docência toma uma nova dimensão, pois implica a relação educativa com os alunos, vínculo fundamental que possibilitará que se mantenham interessados em aprender. O fato é que muitos docentes são resistentes à utilização de novas metodologias no âmbito educacional. Isso acontece porque sua formação e atuação estão centradas em aulas por meios de métodos de transmissão de conhecimentos.

O ensino exclusivamente verbalista, mera transmissão de informações, aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos não subsiste mais. O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa com a matéria, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula (LIBÂNEO, 2008).

Uma das causas do fracasso do ensino é que, tradicionalmente, a prática mais comum era aquela em que professor apresentava o conteúdo partindo de definições, exemplos, demonstrações de propriedades, seguidos de exercícios de aprendizagem, fixação e aplicações. Pressupondo-se que o aluno aprendia pela reprodução correta, era evidência de que ocorrera aprendizagem. Essa prática mostrou-se ineficaz, pois a

reprodução correta poderia ser apenas uma simples indicação de que o aluno aprendeu a reproduzir, mas não aprendeu o conteúdo.

Atualmente, a maioria das falas e escritos na área de pedagogia, têm destacado o papel do professor como mediador entre o aluno e conhecimento socialmente construído. A mediação se transforma na síntese do trabalho do professor ressaltada como contraponto nas críticas à escola tradicional, em que o papel do professor se embasava na “transmissão do conhecimento”.

Na sala de aula, a mediação exercida pelo professor está, intencionalmente, vinculada a um objetivo, que propicia a aprendizagem, a construção de um conhecimento que promova o desenvolvimento do aluno (FONTANA, 2000).

Assumimos, nesse texto, a relação entre aluno e professor na forma que Freire sugere: “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1998, p. 25). Assim, tanto o aprender do aluno como o ensinar do professor revelam-se um no outro.

A mediação, como um ato planejado e intencional, mobiliza o repertório do sujeito para conectá-lo, buscando dar sentido ao novo conhecimento. O educador propõe os exercícios interativos que mobilizam os educandos e possibilitam a mediação entre as experiências, pensamentos e conhecimentos.

Na vivência da mediação, propondo e trabalhando atividades para além do conhecido, explicando, dando informações, questionando, corrigindo e estimulando o aluno a explicar, o educador possibilita as conexões com o saber que o aluno desconhece; ele traz o novo, traz algo além daquilo que o aluno já conhece, atuando no que Vygotsky (1998) caracteriza como zona de desenvolvimento proximal. Caso contrário acontece a desmotivação. O desafio, o novo, a curiosidade mobiliza o desejo de aprender. Para favorecer a obtenção do conhecimento, o educador mobiliza os saberes iniciais dos educandos, com a intenção de possibilitar o pensamento e a expressão do conhecimento existente no grupo porque isso interfere na aquisição de novos conhecimentos. A mediação vai se realizar entre o conhecimento que o educando já possui e o socialmente acumulado e novo para ele. Nessa relação, o conhecimento adquire sentido para o educando, passa a ser dele e não do outro.

Portanto, o papel mediador do professor assume diferentes aspectos. É coordenador e problematizador nos momentos de diálogo em que os alunos organizam e tentam justificar suas ideias; aproxima, cria pontes favorecendo o processo de resignificação e retificação conceitual; explica os processos e procedimentos de construção dos conhecimentos em sala de aula, tornando-o menos misterioso e mais compreensível para os alunos pensarem. Ao invés de pensar por eles, o professor está favorecendo a autonomia intelectual do aluno e preparando-o para atuar de forma competente, criativa e crítica como cidadão e profissional (GARRIDO, 2001).

Nesse sentido, a intenção do educador na mediação é a de recuperar a totalidade do conhecimento, seus fragmentos, estabelecendo conexões entre suas partes. Se, para organizar o processo de ensino, o conteúdo precisou ser recortado, o que permitirá a reconstrução do todo não é a soma das partes, mas uma determinada mediação entre o conhecimento prévio do grupo e os conhecimentos teóricos e formalizados pela escola. A mediação tanto se dá pela “atitude do educador (provocar, problematizar, informar, questionar, organizar, promover etc.) quanto pelo uso de recursos (objetual, ilustrado, verbal e simbólico)” (VASCONCELOS, 1999, p. 64).

O educador, na tarefa de planejamento do ensino, ao organizar sua ação, escolhe caminhos, usa recursos, dinâmicas, faz perguntas, propõe atividades que mobilizam o repertório dos educandos enquanto grupo cultural. O educador escolhe, seleciona o conteúdo, faz um recorte do conhecimento que vai ser trabalhado segundo sua visão da importância para o grupo de alunos. Ele escolhe uma maneira de tratar esse conhecimento (tempo, recursos). Ou seja, atribui também o seu sentido ao conhecimento. Ele também é sujeito histórico e cultural. Não é um mero transmissor de um conhecimento supostamente neutro e verdadeiro.

O educando, por sua vez, vai aprender e discutir esse objeto de conhecimento do jeito que sabe. Esse objeto é assim transformado pelo educador e pelo educando. A forma como aquele propõe o exercício ou a atividade muda o processo de apropriação e construção do conhecimento por parte dos educandos. É a intenção que determina que se realizem determinadas mediações; ela vai definindo caminhos, escolhas, perguntas, respostas, relações. A mediação opta por um tipo de educação e não de outra, favorece a construção de um determinado projeto político e não de outro. Assim, não é possível entender a mediação como elemento neutro, pois ela é organizada a partir da intencionalidade.

Considerações finais

Tendo em vista as transformações sofridas pela sociedade devidas, principalmente por causa dos recentes recursos tecnológicos, e considerando a recíproca influência entre a sociedade e escola, torna-se crucial que esta admita a existência da nova sociedade da informação para conseguir dar os primeiros passos rumo à solução para esta crise que assola a educação atualmente. Os professores parecem, ainda, não ter plena consciência da dimensão e da importância de mais esse desafio na sua profissão, que é um desafio urgente. Diante dessa situação e do desafio imposto por ela é necessário que os professores entendam o seu novo papel nessa nova sociedade. Mas, para isso acontecer, é preciso reconhecer que a mesma influencia a escola, do contrário, os docentes devem se preparar para pagar o preço, por fecharem os olhos, negligenciando essa crise e o seu desafio, ou seja, há duas opções: a escola e os professores podem escolher entender a

nova sociedade e aprender a lidar com ela no que se refere à aprendizagem escolar ou podem continuar ignorando-a e permanecer afundados cada dia mais nessa crise. Já é hora de a escola despertar para o novo, pois “quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar a força na teoria incapaz de recebê-lo” (MORIN, 2004b, p.30).

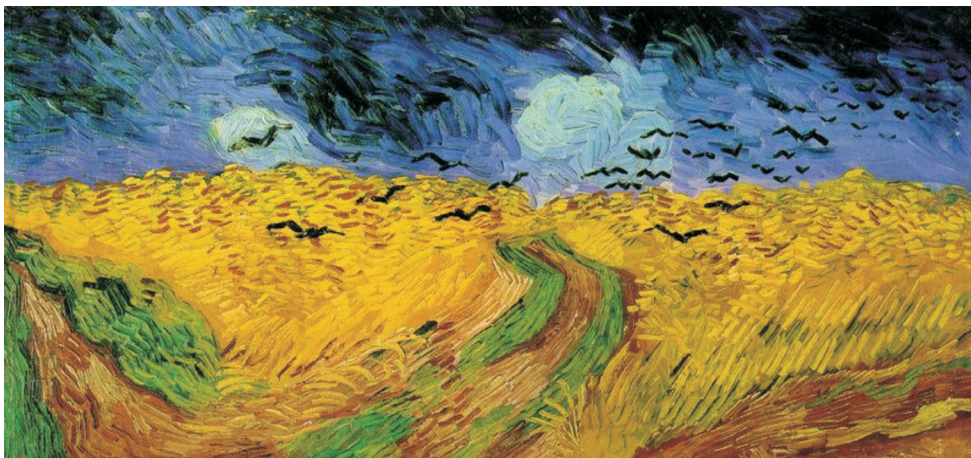


Figura 1. “Trigal com corvos” (julho de 1890). Vincent Van Gogh

Referências

ABREU, Luiz Cláudio Gomes de. Da voz à tela: a nova linguagem docente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., Campo Grande, MS, 2001. *Anais...* Campo Grande, 2001. p. 178-178.

ABREU, Luiz Cláudio Gomes de. Mediação e emoção: A arte na aprendizagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 25., Salvador, 2002. *Anais...* Salvador, 2002. p. 188-188.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). *Estatísticas dos professores no Brasil*. Brasília, DF, 2003. 53 p.

FONTANA, Roseli. *Mediação pedagógica na sala de aula*. Campinas: Autores Associados, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARRIDO, Elza. Sala de aula: espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para professor. In: CASTRO, Amélia Domingues; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001

- LIBÂNIO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 22 ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Rev. técnica Edgard de Assis Carvalho. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004b.
- PARENTE, André; VAZ, Paulo. Ensino na era da informação. In: FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follian (Org.) e outros autores. *Mídia e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999. v.4.
- POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 32 ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- TOSCHI, Mirza Seabra. Comunicação e Educação: Novas Tecnologias e Produção do conhecimento. ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 8., Florianópolis, Santa Catarina, 1996. *Anais...*
- TEDESCO, Juan Carlos. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 1998.
- VASCONCELOS, Celso. *A construção do conhecimento em sala de aula*. 8 ed. São Paulo: Libertad, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. COLE, M.; SCRIBNER, S. et al (Orgs.). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto et al. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Artigo recebido em: 30 abr. 2010

Aceito em 13 ago. 2010

